



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMUNICAÇÃO ORAL

**QUE MULHER É ESSA?
BREVE REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DISCURSIVA DAS
PROFISSÕES ATRELADAS A SEXUALIDADE**

Fábio Ronaldo da Silva

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

fabiocg@gmail.com

Raquel da Silva Guedes

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

raquel.silva.guedes@gmail.com

RESUMO: O artigo aqui apresentado traz um estudo de caso com análise de algumas letras de músicas sertanejas em que a mulher é apresentada como um ser desmoralizante que, por ser quem é e por ocupar determinados espaços ou profissões, contribuem para que os homens sintam-se fracos, impotentes e aptos a caírem na sedução dessa mulher. Reforçando discursos machistas que, há décadas, vem sendo reproduzido pelos dispositivos midiáticos, essas canções contribuem para reforçar ideias de uma cultura machocentrica, rivalidade entre gêneros, práticas de violência e desrespeito as profissões.

Palavras-chave: Discurso, gênero, sexualidade, machismo.





INTRODUÇÃO

Durante séculos discursos médicos, religiosos e legais confinaram a mulher a uma vida privada, elas foram projetadas discursivamente para obedecer um tutor em defesa da moral e dos bons costumes. O patriarcalismo na década 1910 teve uma influência forte na formação social dos lugares e tal modelo se manteve por décadas. De acordo com esse sistema, a mulher tinha suas ações e liberdade moderadamente restringidas por seu tutor, fosse ele o pai, o irmão ou o marido. Esse fator cultural foi sustentado por um discurso biológico, religioso e civil (CAVALCANTI 2000), mesmo ainda sendo presente em maior ou menor grau em diferentes lugares do mundo, aos poucos, ele vem sendo desconstruído.

Além disso, o legado patriarcal, incluiu o feminino para os dotes do lar, na maioria das vezes era proibida de estudar, ou somente lhe permitido o acesso às primeiras fases da alfabetização e letramento. Não estudava. Por proibição ou por desestímulo. Sendo motivada a aprendizado das prendas domésticas, costurar, bordar, cozinhar (CAVALCANTI, 2000).

A família seguiu esse costume até a ascensão da burguesia. A partir de então, a elite burguesa, julgando desnecessário a esse regime, decidiu criar uma República liberal, moderna e urbana, se diferenciando do patriarcalismo que era seguido até então. As instituições modernas serão responsáveis por essas mudanças, reordenando a tutela familiar em uma nova ordem social burguesa onde as mulheres poderiam frequentar o espaço público dentro da modernização e da moralização

O resultado foi um atraso na participação das mulheres na vida pública, em vivenciar com liberdade as regalias e direitos que o espaço público fornece, isso vai desde de andar na rua com segurança até exercer uma profissão. A mulher enquanto profissional na era patriarcal convivia com a diferença de salários, a ausência de direitos trabalhistas e a sexualização do corpo e da profissão.

Esse legado cultural afastou durante décadas as mulheres de profissões ligadas a Ciência e Tecnologia, de modo que na atualidade, de acordo com o Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (CREA) a porcentagem de mulheres atuantes na área chega a





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

25% em larga escala, ou seja, incluindo todas as engenharias, em comparação a 75% de homens atuantes no setor²⁷⁷.

As correntes patriarcais montava uma formação ideológica e discursiva que encaixou a mulher na vida pública, limitada e participante de profissões que fossem ligadas ao cuidado ao próximo, como uma associação a esposa e/ou a mãe. Dessa forma, as profissões mais comuns as mulheres era a da professora e a enfermeira, ambas lotadas como cuidadoras, pacientes e dóceis.

Ainda assim, viver o espaço público para o feminino era difícil. Os percursos de tais profissões levava a convivência direta com homens e isso ainda era julgado perante a formação cultural patriarcal, de forma que, o corpo feminino e as profissões passaram a ser sexualizadas, nas ruas, nos corredores dos hospitais ou nas salas de aula. Cumprimentar, trabalhar em conjunto com outros homens, atender pessoas do sexo oposto e cuidar delas não era visto com bons olhos pela população imiscuída na formação patriarcal.

A mulher que via, cumprimentava e trabalhava com outros homens não era confiável, tratava-se de um comportamento transgressor e, por isso, de estranhamento. Para além disso, apenas o fato de estar no espaço público trabalhando, para o pensamento patriarcal e de alguns homens, já era motivo para o julgamento, o desrespeito e principalmente, o assédio. Desse modo, a formação discursiva de que as profissionais da enfermagem, por lidarem com cuidados de pacientes e trabalharem diretamente com homens, na década de 1920 e 1930, passou a ser sexualizada. A enfermeira, mulher dos cuidados, voluntárias nas guerras, doce e profissional estava sendo confundida com um corpo sexualizado, um fetiche masculino, uma fantasia e até aquela que poderia estar disponível para aventuras extraconjugais.

Como toda formação discursiva, essa visão sexista e machista acabou por incluir tal profissão a uma formação cultural limitada e desrespeitosa para com as mulheres. O discurso para Foucault (2014) está em todo conjunto de formas que comunica um conteúdo, qualquer que seja a linguagem à qual pertençam, uma vez que, mais importante que o conteúdo dos discursos, é o papel que eles desempenham na ordenação do mundo.

²⁷⁷ <https://sengece.org.br/numero-de-engenheiras-no-mercado-brasileiro>





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Um discurso dominante tem o poder de determinar o que é aceito ou não numa sociedade, independentemente da qualidade do que ele legitima, ou seja, embora o discurso dominante não esteja comprometido com uma verdade absoluta e universal, tem o poder de se tornar uma verdade pública e/ou um discurso dominante sob algo ou alguém.

A troca das profissões para homens e mulheres é entendido como uma traição a natureza, ou seja, a transgressão de uma norma. Esse processo, de acordo com Foucault (2012) é a conseqüente transformação em monstros (por fugir da regra natural). Embora os limites da feminilidade sejam em dada época determinadas pelos homens como uma maneira clara de demarcar a sua identidade, a troca de papéis sociais, ou mesmo a mistura deles, lhes tiraram o solo seguro (FOUCAULT, 2012).

Toda forma de possível exclusão, preconceito e formação educacional surge a partir da produção de um discurso construído para assegurar uma ideologia:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p.8-9).

Pode-se dizer que a produção de um discurso é feita de acordo com as necessidades sociais de cada época, são distribuídos no meio como uma expressão cultural e/ou educacional de maneira selecionada. Logo, criar, fundamentar e propagar um discurso não é um exercício fácil, mas se alcançado o objetivo e o alvo, desconstruir sua influência sobre o homem e o meio é uma tarefa que pode levar décadas ou séculos, a exemplo dos discursos sobre a Mulher. A partir disso, pensemos que historicamente, devido a condições socioculturais, discursos propagaram um pensamento que estabeleceu lugares sociais femininos e masculinos.

A construção discursiva que separava a “mulher da casa” a “mulher da rua” acabou impregnando nas profissões, uma vez que, para se viver o lado profissional era necessário sair do conforto do lar e lidar com desconhecidos. Assim, as mulheres profissionais receberam a conotação de mulheres fáceis e estavam mais propensas ao assédio. Com o





passar dos anos, a desconstrução de tal visão foi iniciada, mas tal pensamento ainda é reforçado não só no pensamento patriarcal, mas também através dos meios midiáticos.

UMA BREVE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NO BRASIL

A organização da Enfermagem na Sociedade Brasileira – compreende desde o período colonial até o final do século XIX e analisa a organização da Enfermagem no contexto da sociedade brasileira em formação. Desde o princípio da colonização foi incluída a abertura das Casas de Misericórdia, que tiveram origem em Portugal.

A primeira Casa de Misericórdia foi fundada na Vila de Santos, em 1543. Em seguida, ainda no século XVI, surgiram as do Rio de Janeiro, Vitória, Olinda e Ilhéus. Mais tarde, houve a fundação em Porto Alegre e Curitiba, esta inaugurada em 1880, com a presença de D. Pedro II e Dona Tereza Cristina. No que diz respeito à saúde do nosso povo, merece destaque o Padre José de Anchieta. Ele não se limitou ao ensino de ciências e catequeses; foi além: atendia aos necessitados do povo, exercendo atividades de médico e enfermeiro. Em seus escritos encontramos estudos de valor sobre o Brasil, seus primitivos habitantes, clima e as doenças mais comuns.

A terapêutica empregada era à base de ervas medicinais minuciosamente descritas. Supõe-se que os Jesuítas faziam a supervisão do serviço que era prestado por pessoas treinadas por eles. Não há registro a respeito. Outra figura de destaque é Frei Fabiano de Cristo, que durante 40 anos exerceu atividades de enfermeiro no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro no século XVIII. Os escravos tiveram papel relevante, pois auxiliavam os religiosos no cuidado aos doentes. Em 1738, Romão de Matos Duarte consegue fundar no Rio de Janeiro a Casa dos Expostos. Somente em 1822, o Brasil tomou as primeiras medidas de proteção à maternidade que se conhecem na legislação mundial, graças a atuação de José Bonifácio Andrada e Silva.

A primeira sala de partos funcionava na Casa dos Expostos em 1822. Em 1832 organizou-se o ensino médico e foi criada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A escola de parteiras da Faculdade de Medicina diplomou no ano seguinte a célebre Madame





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Durocher, a primeira parteira formada no Brasil. No começo do século XX, grande número de teses médicas foram apresentadas sobre Higiene Infantil e Escolar, demonstrando os resultados obtidos e abrindo horizontes a novas realizações. Esse progresso da medicina, entretanto, não teve influência imediata sobre a Enfermagem.

Assim sendo, na enfermagem brasileira do tempo do Império, raros nomes de destacaram e, entre eles, merece especial menção o de Ana Neri, nascida em 13 de dezembro de 1814, Ana Justina Ferreira, na Cidade de Cachoeira, na Província da Bahia. Casou-se com Isidoro Antônio Neri, enviuvando aos 30 anos. Seus dois filhos, um médico militar e um oficial do exército, são convocados a servir a Pátria durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), sob a presidência de Solano Lopes.

O mais jovem, aluno do 6º ano de Medicina, oferece seus serviços médicos em prol dos brasileiros. Ana Neri não resiste à separação da família e escreve ao Presidente da Província, colocando-se à disposição de sua Pátria. Em 15 de agosto parte para os campos de batalha, onde dois de seus irmãos também lutavam. Improvisa hospitais e não mede esforços no atendimento aos feridos. Após cinco anos, retorna ao Brasil, é acolhida com carinho e louvor, recebe uma coroa de louros e Victor Meireles pinta sua imagem, que é colocada no Edifício do Paço Municipal.

O governo Imperial lhe concede uma pensão, além de medalhas humanitárias e de campanha. Faleceu no Rio de Janeiro a 20 de maio de 1880. A primeira Escola de Enfermagem fundada no Brasil recebeu o seu nome. Ana Neri rompeu com os preconceitos da época que faziam da mulher prisioneira do lar.

A enfermagem, em 2018, no país estava composta por um quadro de 80% de técnicos e auxiliares e 20% de enfermeiros. A conclusão é da pesquisa Perfil de Enfermagem no Brasil. Acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma área de saúde composta por um contingente de 3,5 milhões de trabalhadores, dos quais cerca de 50% atuam na enfermagem. Uma pesquisa sobre o Perfil da Enfermagem, realizada em aproximadamente 50% dos municípios brasileiros e em todos os 27 estados da Federação, inclui desde profissionais no início da carreira





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

(auxiliares e técnicos, que iniciam com 18 anos; e enfermeiros, com 22) até pessoas aposentadas (até 80 anos)²⁷⁸.

No mercado de trabalho, 59,3% das equipes de enfermagem tratam-se no setor público; 31,8% no privado; 14,6% não filantrópico e 8,2% nas atividades de ensino. A pesquisa²⁷⁹ foi encomendada pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) para determinar a realidade dos profissionais e subsidiar a construção de políticas públicas. A equipe de enfermagem é predominantemente feminina, sendo composta por 84,6% das mulheres. É importante ressaltar, no entanto, o mesmo tratamento de uma categoria feminina, registrar uma presença de 15% dos homens. “Pode-se registrar que a enfermagem está executando uma tendência de masculinização da categoria, com o aumento crescente da composição masculina contingente. Essa situação é recente, dados do início da década de 1990, e vem se firmando”, afirma Eloíza Correia, integrante do Cofen.

A MÚSICA SERTANEJA E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER

A música, entendida como fonte histórica, está presente nas experiências sociais dos sujeitos (meninos e meninas) e usá-la para fins de pesquisa e ensino torna-se, aos alunos/as, uma prática diferenciada à disciplina de História. Aborda diversas temáticas, misturando sonoridades múltiplas, mexendo com a emoção de quem ouve, despertando sentimentos, desejos, construindo sentidos, conceitos, valores e imaginários.

Para Bittencourt (2011), o uso da música se torna interessante ao estudo da história e como prática de ensino por se tratar de um meio de comunicação próximo da vivência, transformando-a em objeto de investigação histórica, pois ouvir música é diferente de pensar música (BITTENCOURT, 2011). Essa ação intelectual consiste em perceber e compreender que a música produz sentidos e constrói representações sociais e de sujeitos,

²⁷⁸ <http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem>

²⁷⁹ <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem-no-brasil>





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

que por sua vez, são reelaborados nas suas vivências cotidianas. Esses sentidos consistem em discursos presentes num elemento constitutivo da cultura social.

A música sertaneja é um gênero musical brasileiro, produzido a partir da década de 1910 por compositores urbanos e rurais sendo chamada, inicialmente e genericamente, de modas ou emboladas devido o som predominante da viola. De acordo com pesquisa divulgada recentemente pela Folha de São Paulo²⁸⁰, o sertanejo é atualmente o segundo estilo musical mais consumido no Brasil, superando inclusive o samba, na maioria dos estados do país (especialmente São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia e Tocantins).

O gênero musical sertanejo mais famoso é o sertanejo caipira, ou música caipira, esse gênero musical historicamente teve início com o Bandeirismo, um movimento de desbravamento no interior do Brasil pelos bandeirantes paulistas, no século XVI. Antônio Candido definiu como Paulistânia todo o eixo de expansão e difusão da cultura bandeirante. Região onde se fixou o que entendemos por “cultura caipira”. Os estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, metade Norte do Paraná, parte de Tocantins, parte do Mato Grosso e regiões como Sul de Minas e Triângulo Mineiro, são os locais onde se ambientaram esses valores. Parte desses bandeirantes abandonaram a vida de viagens, isolando-se e formando roças, foi nas roças do interior paulista que surgiu o homem caipira, e foi lá que a música caipira ganhou corpo e notoriedade, pelos canto de seus causos e suas lidas do interior, sendo gravada pela primeira vez em 1929 por Cornélio Pires.

Muitos estudiosos seguem a tendência tradicional de integrar as músicas caipira e sertaneja como subgêneros dentro um só conjunto musical, estabelecendo fases e divisões: de 1929 até 1944, como “música caipira” (ou “música sertaneja raiz”); do pós-guerra até a década de 1960, como uma fase de transição da velha música caipira rumo à constituição do atual gênero sertanejo; e do final dos anos sessenta até a atualidade, como música “sertaneja romântica”.

²⁸⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/brasil-e-o-pais-mais-isolado-musicalmente-no-mundo.shtml>





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

O fato é que a música tem reforçado estereótipos e formações discursivas que não só intensificam pensamentos patriarcais, como desrespeitam a imagem da mulher, sexualizam o corpo feminino e estereotipam profissões. A primeira fonte analisada, de uma forma geral, foi a canção de Munhoz e Mariano, com o título “Pantera cor de rosa²⁸¹”, do ano de 2013, onde a letra diz “jeitinho de santinha ela saiu de casa doida pra perder a linha me chama pra dançar, eu não tô aguentando ela tá provocando o Munhoz e o Mariano”. (MUNHOZ; MARIANO, 2013).

Sabemos que qualquer discurso, bem como o seu dispositivo institucional e social, só se mantém enquanto a conjuntura histórica não o substitui por outro discurso. Isso é o que será chamado de *a priori* histórico e é passível de mudança. “Mas ele é inconsciente: os contemporâneos sempre ignoram onde estavam seus próprios limites e nós mesmos não podemos avistar os nossos” (VEYNE, 2011, p.50). O que se lê e se escuta na música da dupla Munhoz e Mariano é uma reafirmação de um discurso que pode ser percebido na sociedade brasileira no que se refere a ideia de que a mulher, por sair sozinha para uma festa ela, só e somente, está em busca de aventuras sexuais, mesmo se “passando” por uma pessoa pudica, tendo “jeitinho de santinha”. Nesse contexto, ela é a “culpada” por “provocar” e seduzir, sendo as vítimas os homens daquele ambiente. Essa forma de pensar é corriqueira em sociedades machistas, que acredita que a mulher deve ter um comportamento, que deve se vestir de determinada forma e que não deve frequentar determinados tipos de ambientes pois, se assim o faz, isso indica que ela não é mulher para casar, pois não é uma “santinha”, ou seja, não é recatada e do lar, mas uma “piriguete” e será esse o tema da próxima canção analisada.

É comum as produções culturais, de forma geral, falar sobre as mudanças culturais e tecnológicas de determinadas épocas para, dentre várias questões, atingir o público usuário daquela dada tecnologia, por exemplo. A cantora Naiara Azevedo, atenta ao uso do computador e das plataformas digitais que se tornou comum no século XXI fala sobre o uso da internet pelas mulheres, mas de uma maneira em que coloca a mulher, por ela chamada de “rapariga digital” como alguém insignificante e que nunca será como o que ela chama de “mulher real”, como podemos ver no trecho que segue: “Essas piriguetes de

²⁸¹ Álbum *Pantera Cor de Rosa*, 2013, autoria de Munhoz e Mariano.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

internet, rapariga digital, nunca vão superar uma mulher real. Essas piriguetes de internet que todo mundo mordeu Quer trair, cê trai com uma mais bonita do que eu” (AZEVEDO, NAIARA, 2017).

As mulheres usuárias da internet, denominadas pela cantora de “rapariga digital” são pessoas inferiores, conhecidas por “todo mundo”, elas são as inimigas das mulheres “reais”, as recatadas, dignas de uma relação amorosa, pois são direitas e bonitas. Aqui há o preconceito para com as mulheres que estão atentas as mudanças culturais e tecnológicas e por isso, são perigosas, são traidoras, são indesejáveis. Por mais que não pareça para os ouvidos menos atentos, nas entrelinhas dessa canção há a ideia de que as mulheres que enfrentam a sociedade machista e procuram se potencializar, se instrumentalizar são um “perigo” para aquelas que ainda não se atentaram sobre o poder e força que tem, optando conscientemente ou não, em permanecer submissa a figura do macho.

Por fim, a última música que analisaremos diz respeito a questão da profissão atrelada a sexualidade que, neste caso é enfermeira tida como uma rapariga. A canção “Boqueira” de Gil Mendes traz a figura de uma mulher revoltada, talvez por um ato de infidelidade do companheiro e diz que “(...) o que eu quero é que ele pegue uma boqueira e que a rapariga não seja a enfermeira” (MENDES, GIL, 2019). Como mencionado durante o corpo desse texto, a enfermeira, na contemporaneidade, continua sendo vista como uma mulher indecente, aquela pessoa suja, que carrega doenças não por ter contato com pessoas enfermas, mas por ser e ocupar determinado espaço como se, em pleno século XXI, o estar e ocupar esses lugares e profissões fosse algo não permitido para as mulheres ou a fizesse menos digna por ali estar.

Entre uma festa e outra, um gole de cerveja ou cachaça, essas e outras músicas de cunho machista, cheia de preconceitos vão sendo cantadas, sentidas e sofridas por quem ali está. Mesmo após a festa, essas letras com discursos preconceituosos camuflados ficam na memória e, ao final, mesmo com tantas lutas, corpos violentados e estraçalhados dentro ou fora de casa, atitudes violentas, sejam sociais e/ou de homens contra mulheres continuam sendo promovidas. Obviamente que não estamos dizendo aqui que as letras dessas músicas ou os cantores são culpadas por tal violência, mas elas acabam contribuindo para reforçar tais discursos de formação cultural centralizada, excludente e





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

até preconceituosa, bem como práticas de violência, rivalidade entre gêneros e feminicídios que ocorrem em grande número no país.

FONTES

AZEVEDO, Naiara. Rapariga Digital. 2017. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=_V-7LbJhi4A . Acesso em: 21 de outubro de 2019.

MENDES, Gil. Boqueira. 2019. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=Qo9yMIJR_Ks. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

MUNHOZ e MARIANO. Pantera cor de rosa. 2013. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=Qo9IJR_Ks. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

CAVALCANTI, Silêde Leila. **Mulheres Modernas Tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes- Campina Grande 1930/1950**. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. 2000.

DEL PRIORY, Mari. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. “Prefácio à Transgressão”. In **Ditos e Escritos**, v.III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

VEYNE, Paul. **Foucault**: Seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

